

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Andriete Polonio

**O simbolismo do “trabalho” na Tradição Sufi à
luz da Psicologia Jungiana**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

São Paulo
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

Andriete Polonio

**O simbolismo do “trabalho” na Tradição Sufi à luz da
Psicologia Jungiana**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências da Religião, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Professor Dr. J. J. Queiroz.

São Paulo
2010

BANCA EXAMINADORA:

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Programa de Ciências da Religião, meu agradecimento. Aos colegas que permitiram que eu terminasse esta dissertação. Não há palavras para descrever a gratidão que sinto pela riqueza proporcionada. Ao meu orientador J. J. Queiroz que me ajudou, ensinou, ouviu, compreendeu e resgatou no momento em que mais precisei.

Quero agradecer aos meus amigos que me apoiaram nos anos de minha trajetória no Programa por não me deixarem desanimar.

Agradeço às pessoas que de algum modo proporcionaram meu contato com o tema de tal modo que pude experimentar o conhecimento dos Sufis.

Muito obrigada!

RESUMO

Andriete Polonio

O simbolismo do “trabalho” na Tradição Sufi à luz da Psicologia Jungiana

Esta dissertação focaliza a Tradição Sufi que se implantou n Brasil seguindo a escola Naqsshbandi. A pesquisa è orientada pela hipótese da possibilidade de se estabelecer uma relação entre a dinâmica de trabalho interior dessa escola expressa em seus símbolos com o caminho de transformação e mudança de estagio de desenvolvimento psiquico seguindo as linhas traçadas pela psicologia junguiana. O itinerário da dissertação inicia com o cenário do Sufismo e da Tradição Sufi, Em seguida, são expostos os principais símbolos dessa Tradição. O terceiro e ultimo passo tem por objeto a relação entre o processo de individuação, que ocupa lugar central na psicologia junguiana, e o trabalho e sua simbolização que realiza o desenvolvimento interior sufi.

Palavras-chave: Tradição Sufi. símbolos, trabalho interior, processo de individuação

ABSTRACT

This dissertation focuses the Sufi Tradition rooted in Brazil which follows the Haqshbandi line. . As hypothesis there is a possibility of a relation between the dynamics of the inner work of that school which appears in its symbols and the path of transformation and change of the psychical development according to the main lines of Jung's psychology. The dissertation begins with the canary of Sufism and Sufi Tradition. Afterwards, the main symbols of that Tradition are exposed. The last step focuses the relation between the individuation process which is central in Jung's psychology and the symbolic work which achieves the inner Sufi development.

Keywords: Sufi Tradition, symbols, inner work, individuation process

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1: O Sufismo e a Tradição Sufi	20
1.1. O Sufismo e suas origens.....	20
1.2. O Significado de Naqshbandi	25
1.3. A Tradição, o esoterismo, e o método.....	26
1.2.1. Religião nos tempos modernos: secularização, destradicionalização, universalização e sacralização	37
CAPÍTULO 2: Os símbolos	32
2.1. Os símbolos e seus significados	32
2.2. Os símbolos na Tradição Sufi	33
2.2.1. O alif	35
2.2.2. A “antena”.....	35
2.2.3. O manto.....	35
2.2.4. O tasby.....	36
2.2.5. O zhikr.....	37
2.2.6. O sama.....	38
2.2.7. O lataif.....	39
2.3. As histórias e os contos sufis.....	40
CAPÍTULO 3: O processo de individuação e o caminho de desenvolvimento interior do sufi	42
3.1. O processo de individuação	43
3.2. O processo de individuação e a alquimia.....	44
3.3. O caminho de desenvolvimento enquanto “trabalho” na tarika sufi.....	45
CONCLUSÃO	49
BIBLIOGRAFIA	50

Introdução

O tema escolhido nasceu de uma confluência de motivos, como se fossem várias estradas convergindo a uma cidade, se imaginarmos uma esfera, seria uma circunferência e seus raios, e cada raio representaria cada caminho. Um desses caminhos veio trazido pelo questionamento de clientes, no consultório de psicoterapia, a respeito de como entrar em contato com o Self? Existe uma expressão, de uma metodologia desse caminho, dessa busca existencial, questionava eu! E, ao mesmo tempo em que, eu concluía minha especialização em Cinesiologia, no Instituto Sedes Sapientiae, e participava de um Grupo de Estudos e Vivências, com o professor Fernando Cortese, brotou em mim a necessidade de encontrar um grupo religioso, que pudesse estudar e praticar a ligação do homem com o aspecto do Sagrado, onde cada participante pudesse realizar esse contato do homem com Deus diretamente sem depender de um outro elemento de figura humana, e desta forma, poder-se-ia realizar a ligação ego-self.

Outra motivação que se apresentava, abrindo outro caminho vinha de meu convívio pessoal, através de questionamentos e indagações, nas conversas com meu pai sobre a busca de nossas origens localizadas em território do povo andaluz. O fermento dessas conversas era alimentado com histórias de nossos antepassados vividas, na região do sul da Espanha. E sempre era dada a ênfase de como aquele povo, aquela gente, em épocas mais remotas, lutou por ideais de: liberdade, honra, coragem, solidariedade, liberdade religiosa, entre outros, e, apesar das lutas, esse povo guerreiro não abandonavam sua religiosidade, seus rituais e modos de vida, e maneiras de exercer a religiosidade, utilizando suas músicas, danças, e sua arte como forma de representação de sua cultura e tradição moura em território hispânico.

Mais uma motivação, que aconteceu para esta pesquisa, foi meu trabalho como educadora social, realizado com jovens, na prefeitura de Embu das Artes, e o curso de capacitação social realizado por esta mesma prefeitura. Este trabalho de educadora me pôs em questionamento constante e direto, na relação de importância de desempenho de Vida e desenvolvimento, e criação de oportunidades de Trabalho, para jovens cidadãos. Pensar na possibilidade do trabalho enquanto realização pessoal e fator definidor de uma identidade, para um jovem. E na maior parte das vezes, o trabalho acaba sendo, na vida dessas pessoas o motor que gera energia, e move um indivíduo na sua busca de realização profissional, realização existencial e desenvolvimento de sua personalidade, e ser interior. Foi gratificante poder despertar, nos jovens, a oportunidade de poder pensar a própria vida, buscar suas realizações, alcançar uma meta.

Durante o curso, por mim ministrado de qualificação social, cujo objetivo era preparar os jovens para uma próxima etapa, a qualificação profissional, e finalmente sua inserção no mercado de trabalho, foi possível de observar as transformações que ocorriam com alguns dos jovens, enquanto mudança de comportamento desenvolvendo sua expressão, no convívio com os colegas, durante as aulas, demonstrando assim, resultados de nossas reflexões, e desenvolvimento interior. Embora o tema religião não figurasse no programa oficial de estudos, para os jovens, nossa turma pode tráfegar por esse tema, que veio apresentado com várias roupagens e embalagens, da melhor qualidade, sendo elas: a filosofia e a psicologia. Então, com a ajuda das “duas irmãs” pudemos explorar questionamentos que percorrem a natureza humana, passam pelo metafísico, e encontram com o campo do ser interior e o Ser Divino.

Partes desse curso foram ministradas com oficinas e vivências oferecendo aos jovens a oportunidade de por em prática alguns exercícios físicos sutis, que têm origem nas religiões orientais, e uma delas é o sufismo.

Ao observar o comportamento dos jovens durante o decorrer do curso, além de ouvir alguns de seus depoimentos espontâneos, pude notar algumas pequenas modificações, de ordem interior, que vieram a acrescentar o desenvolvimento como expressão do ser interior. Portanto ver acontecer na prática alterações na personalidade, expressadas em forma de auto-confiança, aumento de auto-estima, impulsos para ação e procura de novos trabalhos, com a ajuda de nossos exercícios de respiração, me fez pensar em colocar no papel, realizar esta pesquisa buscando entender o simbolismo do trabalho, enquanto processo alquímico, nos meandros da personalidade.

E quem mais, senão o sufismo poderia aparecer como elemento comum a todas essas realidades?

O Sufismo, entendido como uma corrente de Sabedoria, ligado à Mística Islâmica, que envolve àqueles que a desfruta, na aura de comunhão com o Ser Superior. Esta religião que existe em nome daqueles que se põem no caminho da verdade, se despindo dos véus, da ilusão e confrontando com a realidade, acrescentam á vida um sentido maior que a mera existência, adquirindo o conhecimento que é passado através dos séculos, e que prima pela transmissão oral e vivência, como sendo seus métodos de condução de almas, para se atingir a união da alma com o absoluto.

Historicamente o sufismo foi trazido pelos árabes, ao ocidente durante a conquista do Império árabe. Ele adentrou á península Ibérica e se alastrou pela Europa. A região por onde permaneceu desde sua instalação, até nossos dias, é Andaluzia. Atualmente assim como o Islã, o sufismo está presente em muitos países e dividido em 300 a 400 ordens ou confrarias (tariqah).

Nosso estudo será realizado com o sufismo ocidental, praticado em São Paulo, na linha Naqshband, que é considerada uma das maiores e mais antigas escolas, por reunir adeptos no mundo todo, e também por ter o privilégio de poder se utilizar de métodos e exercícios de outra tarika, como no caso a tarika Mevlev, cujo mentor é hoje muito conhecido, e nos Estados Unidos atualmente muito lido, devido as traduções de seus Poemas Místicos, e de sua obra prima: Masnawi.

A tarika Naqshband cultiva um universo simbólico amplo e diversificado, ainda pouco conhecido e presente nos bancos acadêmicos, e da população em geral. Mesmo por que o sufismo não incentiva e, muito menos, prega o auto-conhecimento através de estudos acadêmicos, pois sua doutrina se baseia na vivência prática, de exercícios e rituais.

De acordo com o tema de pesquisa escolhido, consideramos necessário situar o leitor no universo do Sufismo. Começando com um breve histórico para que possamos nos familiarizarmos com a simbologia utilizada pelos sufis, e principalmente pelos sufis da parte ocidental do planeta.

Quem são os sufis? Como vieram do oriente para o Brasil/São as primeiras perguntas que normalmente são feitas, e com a ajuda de *Mística Islâmica*, onde o autor, Mateus Soares de Azevedo, discorre sobre as origens do sufismo, e também sobre a origem semântica da palavra sufismo. Podemos encontrar ainda dentro desta obra, considerações a respeito da ligação do sufismo com o Islã, lembrando também que o autor enumera e explica, como se formam as principais correntes ou escolas, inclusive a Naqshband, que será abordada nesse nosso trabalho de pesquisa. E ainda vale complementar o estudo utilizando a obra *El Sufismo*, de Chevalier, pois, este além de traçar pontos históricos de desenvolvimento do sufismo, e suas tarikas, na sua linguagem, se aproxima do no nosso trabalho, quando utiliza termos como: psiquismo, corpo, afetividade, inconsciente, citando alguns rituais sufis, como o Sama e o Zhikr, a Halka, que serão estudados como parte da simbologia, neste trabalho de pesquisa.

Chevalier aborda questões sobre a importância da experiência pessoal, e o objetivo dos exercícios práticos, que discutiremos mais à frente, em capítulos reservados para tal procedimento.

Sobre o trabalho, e a importância da presença do Mestre, no Grupo Sufi, Chevalier nos traz certa contribuição, e esclarecimento. Mas é através das obras dos mestres sufis: Ikal, Idries e Omar Ali Sha, shiks da tarika Naqshband é que poderemos compreender melhor os símbolos sufistas, suas utilizações, e a importância de suas aplicações para o desenvolvimento interior, do ser

humano, ou daqueles que buscam o conhecimento interior através da orientação e disciplina, da ordem Naqshband.

Agha, como era conhecido no Grupo Tradição, é Omar ali Shah, autor de vários livros, dentre eles: *O sufismo no Ocidente*. Ele nos brinda com sua forma clara e explícita de escrever, trazendo seu Conhecimento e sabedoria ao alcance de todos os leitores, e tenta de forma simples falar de temas complexos, quando por exemplo, fala sobre a utilização do conhecimento, ele diz: “[...] Entre outras coisas que se encontram no mundo e uma forma superior de consciência, existe um paralelismo. Como determinar e como usar o paralelismo adequado é o segredo do ensinamento”¹, podemos entender que ele fala algo sobre captar os símbolos que temos á disposição, no mundo, e como atingir o contato com uma forma superior de consciência, ou como se transforma a nossa consciência, e a aproxima do Absoluto. É através da utilização dos “segredos” do ensinamento sufi, que poderemos transcender e transmutar o estado da consciência, operar mudanças significativas para a melhoria e ampliação da consciência. Lembrando sempre que estamos falando de uma escola de desenvolvimento do ser interior. Isto posto, facilita a nossa compreensão, na questão da utilização dos exercícios de desenvolvimento, exercícios de trabalho e de disciplina. Esses exercícios, como costumam dizer os mestres sufis, e outros ensinamentos, que estão presentes também na obra *Pensamientos y Conversaciones*, onde o mestre Omar fala sobre a postura correta do corpo durante a execução de um exercício físico colaborarão muito com a nossa pesquisa. Com o termo exercício, podemos entender o procedimento do trabalho utilizado para a transformação do ser.

Um tanto quanto mais didático, e até acadêmico, em sua forma de transmissão do ensinamento, isto é, mais próximo ao gosto do leitor ocidental, Idries Shah, também falecido, irmão de Agha, participante de conferências em universidades européias, autor de *Os sufis*, certamente nos auxiliará nesta pesquisa, diante da tentativa de apresentar à academia, e ao público, como se compõe o pensamento sufi, alguns dos exercícios rituais mais utilizados, e como são utilizados pelas pessoas que se colocam na condição a aspirante a

¹ Omar SHAH, *O Sufismo no Ocidente*, p. 87.

sufi, e que efeito trazem como contribuição a uma mudança de consciência, e se opera como um instrumento de trabalho alquímico.

Não poderíamos deixar de falar e citar a autora Vitória Peres de Oliveira, como parte da alavanca para esta pesquisa, cuja tese de mestrado: *O caminho do Silêncio um estudo de Grupo Sufi*, na Unicamp, no ano de 1991, descreve muito bem sob um olhar da antropologia, o “Grupo tradição”, sua estrutura e funcionamento, que pretendemos utilizar no corpo deste trabalho. Ao entrar em contato com esta obra, pudemos aprender e compreender melhor toda a formação e composição deste grupo de desenvolvimentos e estudos, sob o ponto de vista de uma pesquisadora e uma participante do grupo. Esta autora, no desenvolver de sua obra, em certos trechos, traz à tona o sentimento de conflito resultante de alguém que pesquisa e ao mesmo tempo vive as aplicações dos exercícios de “trabalho”, do grupo. Podemos dizer que este foi um fato que nos impulsionou muito a continuar a nossa pesquisa, e acreditar no êxito deste trabalho.

Utilizando a interpretação Jungiana, traçamos um paralelo com a alquimia lembrando o nome do antigo e famoso autor da *A Linguagem dos Pássaros*, Attar. Este sufi alquimista, segundo Idries Shah, escreveu cento e catorze obras, e até hoje é um nome muito venerado dentro da confraria sufi Naqishband. Esses conhecimentos, sufismo e alquimia, são dois elementos que floresceram entrelaçados, em nosso continente.

Obra fundamental, que nos inspirou diretamente para a escolha do título deste trabalho, foi o livro do professor Mario Sergio Cortella, que lecionou no Departamento de Teologia e Ciências da Religião. A obra de Cortella: *Qual é a tua obra?* traz ao leitor alguns questionamentos relacionados ao trabalho e à definição de trabalho, o trabalho como forma de castigo e punição, a busca de sentido da vida, a diferença do essencial e do fundamental, a importância de viver e desenvolver sua obra, ao invés de apenas passar por esta vida, sem dar a ela nenhum significado; a espiritualidade, a ética, o resgate dos valores humanos. Este autor trafega pelos campos da Filosofia, Teologia, Educação e emprega o tema do trabalho em suas inquietações propositivas. Acreditamos e compartilhamos de muitas das idéias expostas por este autor. Desta forma,

enxergamos elos de ligação entre nossa pesquisa, e os conceitos por Cortella desenvolvidos.

Estas obras contribuirão para despertar, em nosso processo de busca, a importância do nosso tema no sentido de acréscimo e desenvolvimento interior.

Este estudo poderá vir a ser útil e contribuir aos estudantes e pesquisadores das áreas das Ciências da Religião e Psicologia, podendo ser útil também ao indivíduo que busca autoconhecimento e desenvolvimento interior do ser, assim como àqueles que buscam responder algumas questões fundamentais na vida. Questões que perseguem as pessoas, durante seu trajeto de existência, e costumam aparecer em momentos onde não controlamos o caminho, momentos onde o destino se impõe e requer uma resposta como se remetesse ao acontecimento de Édipo e a Esfinge, na obra de Sófocles.

Não encontramos nenhum trabalho de pesquisa, na bibliografia disponível ao nosso alcance, que faça uma leitura dos Arquétipos Junguianos e a simbologia sufista, recolocando-os com nosso tema, o que lhe confere um caráter de originalidade.

Se considerarmos que o sufismo vem crescendo no Brasil, a tarika da Tradição sufi conta com mais de dois mil integrantes espalhados, e assim como o islã vem crescendo no Ocidente e no mundo outra contribuição advinda deste trabalho seria uma ajuda na desmistificação dos aspectos sombrios colocados e recolocados incansavelmente pela mídia, a todo o momento, de forma a criar e manter a imagem de um islã diabólico, para o público. Assim sendo poderá este trabalho então mostrar outras faces do islã, através da sua mística (sufismo), acrescentando ao estabelecido uma idéia positiva e criativa.

O nosso trabalho de pesquisa será centrado no grupo sufista Tradição, que segue a escola de estudos Naqshband, do sufismo no ocidente. Este grupo está localizado em São Paulo, capital, e é parte integrante dos 2.000 componentes espalhados pelo ocidente.

Estaremos fazendo uma pesquisa bibliográfica, onde parte desta bibliografia vem de autores e livros escritos por participantes, e mestres da Tradição. Estaremos colhendo alguns símbolos que compõem parte importante desta tarika, e que costumam serem utilizados como exercícios de trabalho, dentro desta escola de desenvolvimento.

Escolhemos o Zihkr, o Sama e algumas histórias que constam na bibliografia do iniciado, como símbolos a serem analisados sob a ótica do trabalho enquanto exercício de transformação alquímica.

Nossa linha de trabalho será conduzida á luz da teoria Junguiana, e de autores neo-junguianos, que possibilitem a compreensão e interpretação simbólica das técnicas místicas aliadas ao desenvolvimento do ser interior.

Nesta dissertação vamos tratar unicamente o processo alquímico, ou seja, como opus (a obra). É importante ressaltar que dentro desta escola de sabedoria, a Tradição sufi, existe uma distinção hierárquica, no estatus espiritual, que obedece a cadeia sucessória, onde cada grande mestre descende de um mestre, e assim sucessivamente, remontando até Maomé. Esta cadeia de sucessões, que segue a linhagem de sangue, e não pode ser quebrada, também é conhecida, e chamada de sil-si-lá. “[...] A silsilá, cadeia iniciática ou árvore genealógica esotérica”, é condição *sine qua non* do autêntico sufismo, pois, ela atesta toda a filiação espiritual de um determinado mestre sufi.”². E, é através do sil si lá que é herdada a baraka do grupo sufi. O membro do grupo sufi, o aspirante a sufi, aceita e obedece a essa regra, e adota como norma de conduta espiritual, e condição de existência, sabendo que um discípulo não tem maneira de ascender essa cadeia, a não ser se já não apresentar a descendência. Isto não significa que ele não possa vir a ser um mestre, ou instrutor em alguma halka, vai depender apenas de seus conhecimentos e desenvolvimentos alcançados dentro da tarika. Portanto um mestre só poderá vir a ser um grande mestre, se este demonstrar condições interiores e exteriores para isso; depois de passar por todos os estágios de desenvolvimento, provas, exigidas e constatadas pelo seu mestre.” [...] Um buscador não se transforma em verdadeiro sufi enquanto o próprio tutano de

² Matheus Soares de AZEVEDO, *Mística Islâmica*, p. 38.

seus ossos não tenha sido sazonado no forno da realidade.”³ Entretanto para chegar a ser um Grande Mestre, venerado e conhecido por suas formas de ensinamento, e vir a desenvolver uma nova escola, segundo aos seus moldes de ensinamento, ele terá que pertencer à linhagem dos mestres, e assumir essa função de liderança e sabedoria perante um grupo de seguidores. “[...] Eles podem morar num lugar e trabalhar como carpinteiros, mecânicos ou pescadores. Vão onde são enviados e talvez esperem anos até que lhes seja mandado um aluno. Você não tem direito algum sobre eles nem pode exigir seu ensinamento.”⁴

Em nossa dissertação pretendemos abordar apenas a linha da escola Naquishband, já que ela é uma das linhas mestras do sufismo, e por que não dizer a maior das vertentes e a mais espalhada pelo planeta, e por estar tão próxima viemos “encontrá-la tão perto da nossa universidade. Sabendo que essa relação de proximidade e distância ser um autêntico paradoxo, que nos remete ao dito sufista ‘o segredo se protege a si mesmo”. Lembrando que o sufismo prima pela experiência vivida, e combate o academicismo. “[...] a palavra é a sombra da realidade e seu acessório. Se a sombra atrai, com maior razão o fará a realidade. 'A palavra é um pretexto: o que atrai os homens entre si é a finalidade que os liga e não a palavra.”⁵

Após delimitado nosso objeto de estudo, o nosso trabalho propõe as seguintes indagações:

Quem são os sufis? Como vieram para o Brasil? Como é o pensamento sufi e quais seus principais rituais?

Por que existe todo um clima de segredo, e dificuldade de participação de uma escola sufista, ainda em nossos dias, aqui no ocidente, que segue leis mais liberais com relação ao oriente?

Por que os integrantes do grupo, após um exercício, ou ritual, não discutem suas experiências, não trocam idéias sobre as experiências vividas?

³ Rafael LEFORT, *Os mestres de Gurdieff*, p. 56.

⁴ *Ibid.*, p. 54

⁵ Idries SHAH, *Os Sufis*, p. 25.

Por que os sufis não se importam com o aumento do número de participantes e adeptos a sua confraria? Por que não se importam com a arrecadação de dinheiro e o aumento dos lucros?

Quais são os símbolos utilizados na escola Naqshband, no Ocidente?

Quais os principais símbolos a serem utilizados como instrumentos de trabalho na Ordem Naqshband?

Quais os estágios de desenvolvimento interior apresentados pelo sufismo, que devem os praticantes alcançar?

É possível estabelecer uma relação entre os conceitos junguianos, tais quais: ego-arquétipo; sombra-persona; self; anima-animus; inconsciente coletivo-inconsciente pessoal, e os símbolos que se referem ao trabalho do sufismo: exercícios de respiração; histórias; recitações.

Existe a possibilidade de, ao utilizar os símbolos, os iniciados poderem experimentar a ligação com o divino? Se é possível esta ligação através dos exercícios, é possível estabelecer um paralelo entre o sufismo e a alquimia, dentro de uma interpretação junguiana?

Acreditamos, numa suposição preliminar, que seja possível estabelecer uma relação dentro do corpo simbólico do sufismo, na vertente naqshband, e sua dinâmica de trabalho, enquanto objeto de transformação e mudança de estágio de desenvolvimento interior. A hipótese prevê a possibilidade de demonstrar que a simbologia do trabalho dos sufis, dessa vertente, recebem adequada interpretação quando analisada à luz dos conceitos junguianos, que apontam para uma ampliação da consciência.

Esta pesquisa se propõe a atingir os seguintes objetivos:

1. Identificar e analisar os símbolos e rituais que são utilizados como instrumento de trabalho, na linha Naqshband, no ocidente. A análise será feita sob um enfoque junguiano, e dessa forma contribuir trazendo e explicitando questões, que ainda estão encobertas por alguns véus. E também ampliar o conhecimento do público ocidental, contribuindo para que aconteça uma diminuição do pré-conceito com relação às práticas da mística, de origem árabe.

2. Abordar a significação simbólica do Trabalho enquanto processo de transformação e redenção do ser humano na Tradição Sufi, interpretada à luz da Psicologia Jungiana.

Nosso trabalho se propõe a uma pesquisa bibliográfica, portanto não tem como diretriz metodológica uma pesquisa de campo, a pesquisa empírica, que passa pelas análises de dados qualitativos e qualificativos. As análises que pretendemos realizar serão centradas nos conteúdos presentes nos livros à disposição dos sufis ou aspirantes a sufis, da vertente Naqshiband, e também nas teorias desenvolvidas por C. G. Jung e seus seguidores, portanto uma análise de cunho psicológico e, de dentro do quadro da psicologia analítica.

Abordaremos a teoria dos arquétipos e dos símbolos do Inconsciente, bem como falaremos sobre a consciência e seus estágios de desenvolvimento. Passaremos pela definição de self e sua função para a consciência, e de como é possível através da expansão da consciência chegar a amplificação da consciência. Ao mesmo tempo que estivermos abordando os estágios de desenvolvimento da consciência, estaremos fazendo uma interpretação paralela, de entendimento analítico, utilizada basicamente pelos alquimistas, pois entendemos que a alquimia e o sufismo caminharam paralelamente.

Dentre os seguidores de Jung, podemos citar Marie Luise Von-Franz como sua mais fiel colaboradora, autora de vários livros e de estudos encomendados pelo próprio Jung. Um desses estudos é sobre a alquimia, onde Von-Franz, na nossa opinião escreve com maestria.

Outra autora, que não podemos deixar de utilizar será Verena Kast, que aborda A dinâmica dos símbolos, sob o ponto de vista da análise junguiana.

Ao abordar o assunto trabalho, pretendemos fazer uma breve introdução a esse tema, citando Cortella, que coloca o trabalho como realizador da obra fundamental, do ser, nesta vida terrena. E, se ainda for pertinente, poderemos colocar outras definições do conceito de trabalho sob a ótica do italiano De Massi, que discute o trabalho e o ócio, apresentando a teoria do ócio criativo.

O procedimento metodológico será dedutivo-analítico, utilizando a pesquisa bibliográfica como fonte constitutiva do estudo. Utilizaremos livros, histórias, e símbolos mais utilizados dentro do sufismo, e a análise será feita aos moldes da psicologia analítica.

O Corpo da dissertação se organiza nos seguintes capítulos:

CAPITULO I - O Sufismo e a Tradição Sufi

Neste capítulo, o leitor encontrará um preâmbulo sobre o sufismo, que é assunto inesgotável perante o montante de conexões possíveis de se tecer com o tema, e poderá apreciar a importância e as contribuições que traz este antigo ensinamento tanto para uma pesquisa acadêmica quanto para uma trajetória de vida. Abordaremos o sufismo diante de sua etimologia e origem, explicando o significado de algumas palavras que deram origem ao vocábulo sufismo assim como a formação da escola Naqshibandi.

Tomamos o cuidado de situar o leitor sob o aspecto histórico ao mesmo tempo, que tentamos não deixar escapar a vivência e todo enfoque prático que exige a doutrina sufi.

Ao dissertarmos sobre o sufismo e a Tradição Sufi no Brasil, procuramos clarear àquele que lê, os elos que ligam o sufismo no Ocidente com o do Oriente e de que maneira esta jóia nascida no oriente veio aportar no Brasil ao nosso lado.

De forma suave, passamos pelos conceitos sobre o esoterismo, método, apresentando a tradição como grupo de auto desenvolvimento que não se prende aos moldes das tradições religiosas tradicionais, e que pretende alcançar o Absoluto.

“Nasceu da palavra a Forma e morreu novamente: a onda voltou ao mar. A forma nasceu do informe e voltou ao Informe, pois em verdade, a Ele regressaremos.”⁶

1.1- O Sufismo e suas origens

O Sufismo e a Tradição Sufi nascem quase juntos, ou ao mesmo tempo que sua origem, e remontam aos longínquos e remotos tempos, pois, aparecem juntamente com os mestres sufistas, das primeiras linhas de ensinamento, e estes sempre estiveram infiltrados em quase todas as sociedades, transmitindo seu conhecimento e sabedoria, influenciando seus

⁶ Marco LUCHESI, *A sombra do amado: poemas de Rumi*, p. 13.

governantes, em suas regiões. “[...] O sufismo empenha-se em desenvolver uma linha de comunicação com o conhecimento fundamental,”⁷. Esse entendimento provém de autores que definem o sufismo como o coração das religiões, a essência que está presente no âmago de todas as doutrinas religiosas, por isso se torna difícil distinguir a exatidão de sua origem, já que ele nasce juntamente com as religiões. “[...] ele é o ensinamento íntimo, “secreto”, escondido dentro de cada religião; e por que suas bases já estão em toda mente humana, o desenvolvimento sufista encontrará sua expressão, inevitavelmente, em toda parte.”⁸

Muito já foi falado e escrito, por grandes autores, sobre o sufismo, Chevallie (Henry Corbin, René Guénon,...) numa tentativa de alcançar e explicar, por exemplo, através do significado da palavra *sufi*, o entendimento do sufismo e seu verdadeiro significado.

Sufi, em árabe, significa *lã*. E podemos tecer o seguinte raciocínio. Tanto Maomé como os primeiros sufis, seus companheiros, se vestiam com uma túnica composta basicamente de lã. Essa vestimenta era a mais simples e modesta, mas, realizava tanto a função de vestuário, segundo os costumes da época, como a de vestimenta religiosa. Usamos o termo “religiosa”, pois, também simbolizava o Deus UNO, o absoluto, por ser peça única utilizada por seu portador. Voltaremos a tocar neste tema, em capítulo específico, que aborda os símbolos, e discutiremos mais a fundo essa idéia.

“Há várias explicações para a origem das palavras *sufi* e *sufismo*. Em primeiro lugar, especialistas apontam a conexão com o termo *sufi*, *lã* em árabe.”⁹

Ainda que percorrêssemos o mundo todo, e não encontrássemos num ser atributos como ser modesto, simples, humilde, as buscas estariam cessadas ao encontrar de um *sufi*, pois este carrega no seu íntimo todas essas qualidades.

⁷ Idries SHAH, *Os sufis*, p. 51.

⁸ *Ibid.*, p. 51.

⁹ Matheus Soares de AZEVEDO, *Mística Islâmica*, p. 15.

Numa outra versão etimológica, relaciona-se sufismo com *safa*, *safua*, que, em árabe, significa pureza. Isto exposto, cabe estabelecer uma outra relação de significado, possível de ser feita, com a *lã*, observando sua origem, a *ovelha*. Mais uma vez o símbolo *ovelha* nos remete a associação com *pureza*. Portanto associar Sufismo com pureza é também uma forma de elucidar o seu significado, pois, o atributo da pureza habita o coração de um sufi.

Outra forma de entendimento para o sufismo se pode fazer pela tradução do grego, onde encontraremos Sofia = sabedoria. Aqui se constrói outro caminho para compreensão e entendimento, pois, o sufismo é a busca da sabedoria. “(...) Esta palavra denota a idéia de uma escola de sabedoria.”¹⁰

Se colocarmos o sufismo sob o enfoque do Islã, poderemos dizer que esta corrente mística teve sua origem histórica com a vida de Maomé, quando este recebe a anunciação do anjo, e dessa maneira recebe todo o conteúdo do Alcorão. “[...] O período histórico do ensinamento começa com a explosão do islamismo do deserto para as sociedades estáticas do Oriente Próximo”¹¹. Portanto, a Tradição Sufi é sincronística com a fundação da Religião Islâmica, e também de acordo com Mateus Soares de Azevedo, o islã é berço da tradição assim como sua base de sustentação e propagação. “[...] O Sufismo nasceu historicamente com o Islã e é nesta tradição, e na civilização engendrada pela revelação corônica, que encontra ambiente propício para sua sustentação e seu florescimento.”¹²

O Islã passou a enfrentar um grande problema, após a morte do profeta, o primeiro homem a receber os ensinamentos e a *baraka* (benção). Uma vez que não deixava descendência autorizada para a sustentação dos princípios do islamismo e transmissão da *baraka* muitas brigas ocorreram entre os califas, e a partir do ano de 632 surgiram líderes, não de maneira aleatória, mas sim provenientes de eleições ocorridas nas proximidades de Meca.

¹⁰ Jean CHEVALIER, *El sufismo*, p. 11.

¹¹ Mateus Soares de AZEVEDO, *Mística Islâmica*, p. 8.

¹² *Ibid.*, p. 8.

O Islã sofre sucessivas divisões em busca de um real sucessor do profeta, até que, após grandes intentos, foi escolhido alguém da ala governamental que se fez presente, o califa.

A proposta muçulmana era de que o processo de escolha fosse mais apropriado ao caso, em detrimento ao critério de consangüinidade, possibilitando assim a escolha sob a luz dos princípios do Islã. Entretanto, a verdadeira liderança, segundo os xiitas (aqueles que eram do partido de Ali¹³) deveria obedecer o princípio de sangue, contestando, portanto, a atuação do tricalifado, o que possibilitou o reconhecimento de Ali como o primeiro líder sucessor, uma vez que o mesmo teve como esposa a filha preferida do Profeta. União esta que gera a prole composta por Hassan e Hussein, netos de Mohamed.

A corrente xiita entendeu e se sentiu ameaçada e expurgada de seus reais direitos à sucessão por que os xiitas entendiam que a ascensão de Ali como o legítimo sucessor era simplesmente o cumprimento da lei de Alah, vislumbrada pelo Profeta.

O predomínio de Ali é agitado por intensos conflitos entre a sua corrente e seus opositores, entre eles os governadores da Síria, Moravia (governador da Síria). É travada uma batalha no Nordeste da Síria, em Ssiphim, entre Ali e Moravia da qual, Morávia sai vencedor.

Ali passa a adotar uma postura conciliadora com seus adversários, por isso seus seguidores, inclusive os carijitas¹⁴, descontentes com a liderança e postura de Ali passaram a tê-lo como adversário, justificando, portanto, o seu brutal assassinato no ano de 661.

¹³ Ali era genro de Maomé e líder da facção xiita após a morte do profeta.

¹⁴ Carijitas são aqueles que se retiram (Khawarij). Esse grupo de radicais puritanos é, a princípio, partidário de Ali, mas acabam por retirar seu apoio político, questionam o direito hereditário de Ali para o califado.

A partir de então, fica mais claro a divergência entre sunitas e xiitas, sendo que os sunitas¹⁵ escolheram um líder do alto círculo, da sociedade de Meca, não aliada, portanto, ao círculo social do Profeta.

O verdadeiro sucessor do Profeta, Hassan, primogênito de Ali, foi assassinado, após sua renúncia. Desta forma assume, então, seu irmão Hussein, que também, decorrendo pouco tempo, foi assassinado, por volta do ano 680. Este assassinato até os dias de hoje tem provocado intensas disputas entre as facções por entenderem que Ali era o verdadeiro ou legítimo sucessor do profeta. Portanto, sobre ele pairavam as bênçãos de Alah.

Os xiitas, na sua maioria, acreditavam que verdadeiramente havia só doze imãs¹⁶, sendo que em 878 tem-se a notícia de um décimo terceiro imã, que desapareceu sem que nada pudesse ser comprovado a seu respeito, considerando portanto um Imã Oculto. Contudo passou a ser o imã que retornaria para reabilitar o verdadeiro islamismo.

Essa parte da história do islamismo e Sufismo foi citada, por lembrar a importância da disputa dos xiitas pela real ascendência divina, segundo a versão dos seus seguidores, e também pela ligação de cadeia sucessória iniciática que existe entre os descendentes de Ali, e os sheiks sufis da linha Naquishbandi, no Brasil.

O Sufismo e o Islã caminhavam juntos, no início da conquista do território do islã, o chamado *dar al islam*. Os imãs (os doutores da lei) detinham tanto o poder de Estado como o poder religioso, e utilizaram esse poder para efetuar a conquista de novos territórios e novos adeptos. “(...) Nesses momentos, a assunção da nova fé aconteceu de maneira coletiva nos territórios conquistados geralmente pela pressão sobre os descrentes.”¹⁷

Após se espalhar por todo império árabe, o Sufismo floresceu e se popularizou. Assim sendo a mensagem tanto da mística como do islã,

¹⁵ Sunitas são os partidários dos clifas abássidas, descendentes de Al Abbas, tio do Profeta.

¹⁶ O *Imã* para os sunitas não é um clérigo, é apenas um chefe político sem autoridade espiritual ao qual pertence exclusivamente a comunidade como um todo (uuma). Para os xiitas, o imã ou “Iman” (líder da comunidade, herdeiro e continuador da missão espiritual do Profeta).

¹⁷ Frank USARSKI, *O Budismo e as outras*, p. 154.

atravessou mares e continentes, no corpo e na mente dos comerciantes, mestres de ofício, músicos, menestréis, artesãos, artistas. Assim foi através dos séculos, até nossos dias.

Ainda hoje, é possível contemplar a passagem dos sufis pelo mundo através de alguns de seus monumentos artísticos consagrados pela humanidade, como os palácios revestidos de arabescos, de Ollambra, na Espanha, com seus jardins bem cultivados e simetricamente alinhados com o conjunto da construção arquitetônica. Em solo africano podemos encontrar em Fez, outra relíquia de obra de arte, cidade típica islâmica. “(..)Fez é a capital religiosa, intelectual e artístico-artesanal do Marrocos e, num certo sentido, de todo Magrebe –“ extremo ocidente” do mundo islâmico”¹⁸.

1.2- O Significado de Naqshbandi

O nome Naqshbandi é aquele que identifica a ordem sufi, à qual pertence o Grupo Tradição. Os Sayeds (descendentes do Profeta Muhamed) dessa ordem afirmam que, no início, o nome utilizado era *Kwajagan* (guardiões), e que, no século XIV, mudaram o nome pelo de Ordem Naqshbandi, em homenagem ao Grande Mestre Naqshbandi Maulana Hadadrat Bahaudin Naqshbandi, o mestre dos Naqshbandi-Kwajagan.

A palavra *Naqsh* (que significa pintor ou impressor) refere-se ao ofício pelo qual o mestre é conhecido em seu ambiente de trabalho, na sociedade em que vive. Todo mestre sufi, antes de ser um detentor de sabedoria, realiza uma profissão, de onde geralmente retira seu sustento material. Também, como era de costume, o mestre ensinava e passava sua arte ao discípulo. O trabalho realizado era sempre nas duas esferas, exotérica e esotérica. Vale, neste trecho do trabalho, fazer um adendo, esclarecendo ao leitor que é exotérico ou esotérico, lembrando que uma via não existe sem a outra, não é possível chegar ao esotérico sem passar pelo exotérico. Aquilo que empresta forma, que molda, podemos chamar de exotérico, e o preenchimento do molde é o elemento esotérico. “() Ou seja, a religião “comum” é moldura ou estrutura

¹⁸ Mateus Soares de AZEVEDO, *Iniciação ao Islã e o Sufismo*. P. 121.

necessária da via contemplativa. Em termos islâmicos, não há *tariqah* sem *shariah*.¹⁹ Assim, Naqsh significava pintor ou projetista (*designer*, em inglês) e *bandi*, quem carregava o ofício. “()A palavra Naqshbandi é composta por duas palavras: *naqsh* é pintar e *bandi* são as pessoas que fazem as pinturas. Pode-se portanto dizer que *naqshbandi* significa os *pintores* ou *projetistas*.²⁰

1.3 - A Tradição , o esoterismo, e o método

O sufismo pode existir e ensinar em qualquer caminho religioso, não só no Islã, pois, é um ensinamento vivo, acompanha as necessidades do mundo, e muda com ele. “()Uma escola sufista passa a existir, como qualquer outro fator natural, para florescer e desaparecer, e não para deixar vestígios em rituais mecânicos ou sobrevivências antropológicamente interessantes.”²¹ Essa grande flexão e adaptação se deve ao fato de que o sufismo não se liga ao externo, ao estabelecido, apenas se utiliza do externo para acessar uma comunicação interna. E o maior meio de transmissão é feito pelo exemplo do mestre. “(...) O sufismo se transmite por meio do exemplo humano, o mestre.”²²

Existem sufis hindus “[...] O caminho sufi de desenvolvimento não é um processo ou filosofia estrangeira à Índia”²³ e, assim como os sufis da tradição, o sheik Ikbal Ali Sha e os grandes mestres viveram e ensinaram na Índia, sendo que muitos deles estão lá enterrados. Da mesma forma, podemos encontrar sufis budistas, sufis cristãos, sufis judeus, pois esta doutrina convive com qualquer que seja o ensinamento religioso. “(...) A divisão está no olho do observador.”²⁴ O sufi é conhecido como o derviche, o Buscador da Verdade, aquele que procura estar na maior parte do tempo, na Presença de Deus. Para atingir tal etapa de desenvolvimento, o aspirante a sufi, o derviche, percorre um longo caminho. E, para atingir essa condição, esse estado de desenvolvimento, ele realiza seu “trabalho”, faz exercícios sob a orientação de um mestre, um

19 Idem, p. 47.

20 Omar ALI-SHAH. *As regras ou segredos da Ordem Naqshibandi*, p. 17

21 Idries SHAH. *Os Sufis*, p. 24.

22 Ibid, p. 24.

23 Sirdar Ikbal Ali-SHAH, *Princípios gerais do sufismo e outros textos*, p. 42.

24 Ibid, p, 42.

instrutor autorizado e possuidor da *baraka*, fonte de energia, da escola de desenvolvimento.

O adepto ou aspirante a sufi, que deseja se tornar um ser iluminado, na presença de Deus, necessita, em primeiro lugar, procurar uma escola de sabedoria e desenvolvimento, e ser aceito pelo mestre desta confraria. Ele precisa estar na atitude correta, no local correto, com as pessoas adequadas e no tempo adequado, acreditam os sufistas. Esses três elementos têm que estar alinhados de forma harmônica, assim manda o fundamento sufista, e dessa maneira a escolha de participação ao estudo se dá. Portanto, o adepto nunca escolhe, mas é escolhido. Pode parecer até algo misterioso, e até uma escolha aleatória, mas os sufis acreditam ser essa a melhor maneira, pois, os mestres estão por toda a parte. “[...] Os mestres sufis não são necessariamente figuras misteriosas. Nem todos ensinam o “sufismo” como você o conhece ou pelos canais que você espera.”²⁵ E aquele que procura participar, procura se adequar à metodologia sufi, e, dentro desta metodologia, está inserido um critério de adequação que alinha os três elementos: Tempo, Lugar, Pessoa. Sendo assim, o aspirante será avaliado e convidado ou não a integrar a escola de desenvolvimento.

O sufismo, por ser entendido como um ensinamento vivo, deve estar adequado ao seu tempo, ao lugar onde é transmitido, e também à pessoa que busca este conhecimento. Devido a esse grau de maleabilidade e adaptação é que pôde florescer no ocidente, independente de ser associado ou não ao islamismo.

Algumas correntes de estudiosos, em sua maioria, só aceitam o sufismo como o lado do esoterismo do Islã e entendem que há a necessidade da prática casada do muçulmano com o sufismo.

O grupo sufista no ocidente reconhece sua ligação com o Islã, mas não determina que seus participantes sejam convertidos à religião muçulmana, ou que precisem se converter em muçulmanos para se tornarem participantes. Apenas convivem harmonicamente com as orações e recitações em árabe,

²⁵ Rafael LEFORT, *Os mestres de Gurdieff*, p. 21.

suras do corão, e outras invocações feitas em árabe, e à maneira da tradição corânica. Contudo, ao utilizar essas práticas, os participantes as utilizam como se fossem instrumentos técnicos para o seu desenvolvimento, como se fossem exercícios, e nenhuma associação é feita à prática islâmica. Dessa forma eles afastam qualquer pensamento preconceituoso, e deixam com que o efeito do exercício aja sobre sua pessoa. Todos são direcionados a pensar dessa forma, pois, nenhum questionamento é permitido no caso do sufismo no Ocidente em momento algum é comentado, entre os membros, que as práticas estão ligadas com a religião de Maomé, fica clara a posição do grupo à adequação desta corrente sufista que os pratica aos moldes da sociedade pós moderna²⁶, seguindo seu caráter de vida ocidental. Assim podemos afirmar que a ênfase é dada no sujeito e não na religião.

O sufismo sempre esteve montado nesta trilogia de Tempo, Lugar, Pessoa, tornando o ensinamento vivo, atual, de caráter atemporal, e de presença permanente.

Para ser um participante da Tradição Sufi no Ocidente, antes de assumir tal compromisso, é necessário que a pessoa tenha vontade de assumir uma responsabilidade com essa tradição e com as pessoas que integram essa escola de desenvolvimento. Além disso é preciso estar ciente da intenção que a move para tal procedimento, e sua real necessidade de busca e procura de autoconhecimento. Um aprendiz deverá se apropriar da sabedoria guardada há muitos séculos e saber que esta a disposição deve ser utilizada de forma adequada. Isto significa que o noviço aprenderá a se desenvolver e a satisfazer-se com outros parâmetros de referência, através dos quais poderá avaliar a si mesmo, aos outros e, lentamente, alinhar sua consciência à consciência de Deus.

No caminho sufi, costumam dizer que é necessário se enxergar como alguém que “está no mundo, mas não pertence ao mundo”, portanto, lembrar sempre da condição de desapego, e também estar de acordo com a harmonia

²⁶ Pós moderno= o nome pós moderno é usado para definir a sociedade após a era industrial. Está relacionada às mudanças e transformações da era moderna ocorridas no campo das ciências, nas artes e na cultura, resultando numa sociedade de massas, comunicação, mídias e do consumo

e energia de sua *tarika* (escola), seguindo sempre as orientações de um mestre.

[...] No Caminho sufi, a doutrina principal é que o homem comum não pode ele mesmo reconhecer nem obter benefícios das influências modeladoras de que precisa. Forçosamente, tem de seguir um professor que saiba onde encontrar essas influências bem como a medida e o modo de usá-las.²⁷

Nessas condições, só após ter vivido e experienciado o conhecimento através de situações, com seu eu interior, de maneira a se sentir esvaziado, humilde e pronto para receber a *baraka*. Assim estará preparado para o encontro com Deus. Como diria Rumi, “quem procura é Encontrado”. [...] O conquistador do Amor é aquele a quem o Amor conquista”²⁸.

Não é difícil de encontrar a Tradição Sufi no Brasil, e muito menos em São Paulo. São muitos os adeptos que estão espalhados por bairros dessa capital, e também se encontram bem aqui perto da nossa universidade. “[...] A ascendência moral, ou a personalidade magnética, alcançada pelo sufi não é a sua meta, mas o subproduto de sua realização espiritual, o reflexo do seu desenvolvimento.”²⁹ Basta se colocar no alinhamento e na intenção da *tarika*, que, segundo os sufis, é uma das maiores vertentes presentes no Ocidente, com um número aproximado de 2.000 integrantes. Não é à toa que ela leva, carinhosamente, o nome de Linha Mãe. Segundo Omar Ali Sha, a Tradição Sufi não conhece fronteiras, sempre existiu nos corações e mentes dos homens que iniciaram a civilização oriental.

“Trabalhar”, na Tradição Sufi, significa ter a oportunidade de viajar por um caminho que poderá levar uma compreensão mais profunda de seu estado com relação a Deus, e a esperança de atingir uma maneira de alcançar a companhia Dele.

Lembrando dos povos islâmicos, podemos afirmar que o conceito de trabalho, é uma atividade que produz riqueza de um lado, e do outro, é um processo alquímico que leva a um estado superior de consciência. “[...] A via

²⁷ Ibid., p. 65.

²⁸ RUMI, apud Omar ALI-SHAH, *Fragmentos de Enseñanza Sufi*.

²⁹ Idries SHAH, *Os Sufis*, p. 77.

que tu mesmo deves percorrer consiste em polir o espelho de teu coração, Não é com rebelião e discórdia que o espelho do coração é polido.”³⁰

O aspirante a participar de uma linha de desenvolvimento, que acaba encontrando a Tradição Sufi, vem ao encontro de uma linha que pode oferecer meios e técnicas para o seu autoconhecimento, utilizando vivências e experiências que podem vir a transcender os sentidos através do desenvolvimento da percepção. Além disso, é necessário passar por um período de “adaptação” às técnicas, já que além de serem técnicas desconhecidas ao indivíduo que está estabelecendo novo contato, o resultado da aplicação delas não é discutido no grupo.

“(…) O Sufismo mesmo quando por vezes não está se referindo a uma experiência mística propriamente dita, mas a um certo tipo de percepção que se desenvolveria com o trabalho, se refere a esta incomunicabilidade, a esta impossibilidade de descrever experiências não familiares com termos familiares.”³¹

Este procedimento da não discussão, da não comunicação, não é comum para os ocidentais, que vivem em países democráticos, onde a prática do diálogo é regra estabelecida de convivência. Portanto, este caráter de incomunicabilidade, que é parte integrante das escolas místicas, é um dos “obstáculos” a serem vencidos pelo aspirante a sufi. Ao mesmo tempo que ele se adapta ao método, realiza uma espécie de adestramento, pois, outros padrões e níveis de associações de pensamento, diferentes dos que vêm se utilizando até então, lhe são apresentados durante as reuniões.

O método que é empregado para o auto-desenvolvimento passa pela orientação e acompanhamento de um mestre com a utilização da disciplina, as recitações, as e meditações diárias individuais e coletivas (nos dias de reunião), os métodos de respiração, os exercícios com visualização de cores, Zhirk³², obediência de regras gerais do sufismo, o retiro espiritual, o jejum (não

³⁰ Hakim SANAI, *O jardim amuralhado da Verdade*, p. 24.

³¹ Vitoria Peres de OLIVEIRA, *O caminho do silêncio - um estudo de grupo sufi* (dissertação de mestrado), p. 12.

³² Zhirk é a recitação de um dos nomes de Deus ou dos nomes de Deus com o objetivo de esvaziar a mente ao mesmo tempo que concentra e orienta a mente para o encontro com Deus.

obrigatório) no mês do Ramadã, e outros. “(...) já o método inclui meditações, orações, retiros, etc., em suma, meios de concentração no Divino, adaptáveis às vocações e capacidades de cada um.”³³.

Neste caminho – o caminho da tradição – como ensina mestre Agha (patente do exército afegão que corresponde a general), o único temor que se deve ter é de Deus e, na verdade, o que conta é a fé e o esforço. Os que seguiram por esse caminho tiveram êxito. Por exemplo, Rumi, Hafiz, Jami, Saadi e Ibn Arabi. “(...) Quando eu digo que este caminho tem sido seguido com êxito, posso citar Rumi, Hafiz, Jami, e Ibn Arabi, e nenhum deles era um super-homem, mas eles certamente tentaram mais do que a média.”³⁴

Para tornar-se um sufi praticante, na linha da tradição, é necessário um mergulho dentro do mundo do trabalho e dos símbolos, e utilizá-los de maneira adequada, assunto que será ser discutido no próximo capítulo. Mas para bem compreender esse mundo, foi necessário colocar estes preâmbulos do Sufismo e da Tradição Sufi.

³³ Mateus Soares AZEVEDO, *Iniciação ao Islã e Sufismo*. P. 48.

³⁴ Omar ALI-SHAH. *As regras ou segredos da Ordem Naqshibandi*, p. 18.

CAPITULO 2 - OS SÍMBOLOS

Acreditamos que este segundo capítulo, dentro deste trabalho venha a ser o mais interessante, e curioso, do ponto de vista do leitor, pois, ele pretende tratar de elementos que por si só já trazem consigo, um ar de mistério, de desconhecido, de algo a ser desbravado. Essa sensação de indeterminado, e inacabado, é que nos convida a entrar na esfera do símbolo, em geral e, são também os símbolos que compõem a base da mística sufi, e em certa medida, da corrente Naqshbandi.

Para falarmos de símbolo, devemos antes lembrar que o homem é um ser simbólico, é aquele que sonha, que cria, que realiza obras de arte, que compõe mística, toca instrumentos, constrói edifícios e realiza grandes obras Sem essa capacidade de simbolizar, nenhuma dessas ações, nada disso seria possível. Simbolizar é uma das características que nos distingue da maioria dos animais, é a qualidade que nos faz humanos. O homem está para o universo assim como a parte está para o Todo. E, mesmo sendo um ser humano, o homem não deixa de ser aquele que é formado tanto por conteúdos conhecidos, como por aqueles desconhecidos, estamos falando de inconsciente e consciente . “(...) a psicologia moderna descobriu que a mente racional ou intelecto (consciente) é complementada por outra (inconsciente), que opera segundo princípios diametralmente opostos,”³⁵.

Apesar de todo o seu desenvolvimento e cultura o homem continua carregando dentro de si, o seu lado primitivo e animal. Esta perspectiva não afasta a beleza e a originalidade de cada ser humano, tornando-o capaz de reinventar novos símbolos, de acordo com a sua realidade e necessidade.

2.1. Os símbolos e seus significados

O conceito de símbolo nos remete aos antigos gregos, e as civilizações antigas e seus comportamentos interpessoais. Era de costume que duas pessoas amigas, ou parentas, que desenvolviam um laço de afeto, entre si, quando , por circunstâncias quaisquer, inclusive a guerra, tinham que se separar, escolhiam e elegiam um objeto (exemplo: um lenço, um prato,

³⁵ Luiz Paulo GRINBERG, *Jung, o homem criativo*, p.63.

um anel, uma pulseira,...) que seria o símbolo representativo daquela união, “(...) Na Grécia antiga, quando dois amigos se separavam, quebravam uma moeda, um pequeno prato de argila ou anel.”³⁶ Após escolhido o objeto, eles partiam esse objeto, e cada qual levava consigo uma metade. Cada metade sozinha não fazia nenhum sentido, e não tinha nenhum valor, e não exerceria nenhuma função, apenas com a junção das metades, é que se obteria novamente o objeto. Assim quando as duas pessoas se encontravam e reuniam as duas metades, elas se reconheciam novamente, e num gesto de amizade, solidariedade, acontecia uma confraternização, ou até para sujeito que fosse o portador das metades, já que o objeto tinha aquele valor “especial” e cumpria a função de reunir duas coisas que deveriam estar unidas. “(...) A combinação de duas metades (*symbálein* = juntar, reunir)”³⁷. Desta forma estava garantida a identidade de duas pessoas, ou até de duas famílias, caso se passassem muitos anos, de maneira que a fisionomia e a figura das pessoas se modificassem a metade do objeto, garantiria a identidade do portador. Então, um simples objeto passa a ter um significado simbólico, todo carregado de afeto e significado “(...) O símbolo possui um aspecto que busca compreensão, uma reflexão sobre o seu significado, mas também inclui um lado emocional que é de extrema importância por que sem ele o conhecimento é morto e sem sentido.”³⁸

Portanto, acabamos por descrever um processo de formação de um símbolo.

2.2 Os símbolos na Tradição Sufi

O Grupo Sufi tem sempre uma preocupação que o acompanha, em não se institucionalizar, tentando ao mesmo tempo, preservar o seu caráter esotérico e, mantendo a presença de um mestre vivo, deixando em evidência o caráter provisório do grupo. Essa tentativa de não institucionalização é algo muito comum de se notar nas conversas, entre os membros do grupo. Os frequentadores afirmam em discurso que nada daquilo que praticam se assemelha a uma igreja, embora nas ações, e em seus comportamentos pudemos notar ações contrárias ao discurso.

Os muçulmanos são proibidos pelo Alcorão de adorar ídolos e imagens. “(...) desde o início, o Islã rejeitou a idéia de imagens e ídolos.”³⁹ E sob este aspecto, fica claro que a posição

³⁶ Verena KAST, *A dinâmica dos símbolos*, p. 19.

³⁷ Ibid.

³⁸ Vera Lucia Paes de ALMEIDA, *O Poder Das imagens* (tese de mestrado), p.68.

³⁹ Shahrukh HUSAIN, *O que sabemos sobre o Islamismo?*, p.38.

do Grupo se assemelha á tradição islâmica, pois, nas paredes internas, do ambiente onde se dão as reuniões, podemos notar apenas alguns símbolos pendurados, e a maioria deles se não parece com figura humana, tendo só um quadro pendurado com uma figura do mestre Nasrudin saindo de dentro de um ovo, como exceção. Podemos afirmar que os símbolos utilizados nas paredes do recinto fechado são algumas inscrições do Alcorão, escritas em árabe, e outros poucos símbolos para a sinalização durante o momento das orações. Alguns marcam a posição onde se encontra a cidade de Meca. Mais adiante voltaremos nestes símbolos e o abordaremos com mais profundidade.

Se perguntado aos integrantes do grupo, e nós perguntamos, poucas pessoas sabem dizer sobre seu significado, e demonstram além do desconhecimento uma total falta de importância e significado, por este fato.

Dentro da Tradição Sufi, encontramos uma infinidade de símbolos que se classificados assim, serviriam como objeto de estudo para uma próxima pesquisa. Neste momento do estudo, nós focaremos alguns dos símbolos, os que aparecem com maior frequência e talvez, os mais utilizados nesta época de estudos e exercícios, nesta linha de desenvolvimento de consciência, lembrando que todos eles são adequadamente escolhidos pelo mestre, para que os adeptos os utilizem em determinado tempo e lugar, pois nada que é utilizado pelo grupo, se utiliza para criar uma obrigação. O grupo utiliza enquanto exercício, ou o símbolo, enquanto este se faz como um objeto funcional, pois, a partir do momento que este “exercício”, ou símbolo deixa de ter seu caráter funcional, ele deixará de ser utilizado pelo grupo. Podemos então afirmar que este grupo se utiliza de símbolos, enquanto estes símbolos são vivos, e realizam sua função de símbolo. Quando se tornam símbolos mortos – sinais – eles são substituídos por outros símbolos.

Começaremos elucidando o ALIF, em seguida a “antena”, o manto, o tasby, o zhirkr, todos eles presentes nas noites de reunião da halka – círculo – Logo após, ao tratarmos da halka, mergulharemos no Sama (dança sagrada), símbolos ligados ao círculo, á mandala, que segundo Jung nos remete ao sagrado, ao Self. Da mesma forma procuramos descrever o lataif considerando sua complexidade e harmonia, pois, comporta no mesmo símbolo várias técnicas conjugadas: respiração, concentração mental, movimentação de músculos de pescoço e cabeça, associação e visualização de cores, recitação.

E, também não poderíamos deixar de fora, deste estudo, algo que tanto para o sufi, como para os muçulmanos, em geral, tem extrema importância cultural: as histórias da tradição sufi. Estas além de sua extrema importância como veículos de comunicação, que ligam uma cadeia de momentos, entre gerações, onde na história que está sendo contada,

proporciona: entretenimento, lazer, educação, sabedoria e convivência entre gerações diferentes.

2.2.1 O Alif

O Alif é um dos símbolos que se encontram afixados numa das paredes da halka. Ele tem a finalidade de marcar o lado para o qual devem todos os participantes se voltar durante a recitação das suras do Alcorão. O ponto cardinal correspondente é Nordeste. Assim acontece de todos aos que se submetem ao Islã estarem fazendo suas orações, na mesma hora, e voltados para Meca, onde se encontra a Caaba – cubo negro, considerado sagrado, pelos muçulmanos. “(...)é muito importante para os muçulmanos saber a direção da Caaba em relação a onde estão, e essa direção é chamada *qibla*.”⁴⁰

Além de sinalizar aquele que ora, o Alif traz a lembrança da referência ao Deus Uno, pois, ele é composto da primeira letra do alfabeto árabe. Este é um símbolo que se refere à unidade, e em termos junguianos podemos dizer que ele simboliza a Totalidade, é um símbolo do *Self*.

Portanto quando as orações estão sendo dirigidas a esse símbolo, é uma maneira de orar a Deus.

2.2.2 A “antena”

Este símbolo é assim chamado pelos derviches, porque com o símbolo anterior, sinaliza o ambiente das orações. Ele fica disposto na parede oposta à do Alif para que possa desempenhar seu papel de captador de idéias e ou energias positivas. É um símbolo que está desenhado e representado em letras árabes segundo o encarregado (ou administrador) da halka, é necessário estar presente, tanto a “antena” quanto o Alif, para que a halka sejav “ativada”.

2.2.3 O manto

O manto é mais um dos instrumentos utilizados para distinguir e uniformizar o buscador. Ele é baseado no manto que Maomé utilizava. “ (...) Os mantos dos derviches são símbolos do manto de Muhamad ”⁴¹.

Também é conhecido como Kirka, e ele passa a fazer parte da vida do discípulo a partir do momento que o discípulo realiza sua iniciação ao grupo. Em encontros e confraternizações

⁴⁰ Shahrukh HUSAIN, *O que sabemos sobre o islamismo?*, p.26.

⁴¹ Vademecum, p. 28.

nacionais e internacionais do grupo, são momentos que o discípulo desfila e exhibe seu manto. Existe um dia que é escolhido pelo mestre, e ou seu encarregado pessoal, para que se realize a cerimônia de iniciação. Antes que aconteça a cerimônia, o buscador já terá providenciado para que se faça a confecção do manto, pela pessoa autorizada. Esta vestimenta é de material simples, em nosso país é utilizado o algodão, pois tem melhor adaptabilidade ao nosso clima. A pessoa que confecciona o manto, o faz mediante recitações de orações escolhidas e orientadas pelo mestre.

O manto em cada escola recebe uma coloração, e na escola Naqhsbandi, o manto é na cor branca debruado de bordô.

O manto para o discípulo tem a função de trazer a sensação de introspecção, de estar consigo mesmo, de prepará-lo para o encontro com Deus. Além de reafirmar a identidade do indivíduo dentro do grupo. Para o portador do manto, cabem alguns conselhos de conservação e manuseio da veste, e também conselhos quanto ao que o manto poderá lhe proporcionar enquanto alteração de estado psicológico. Esses conselhos são dados um pouco antes da cerimônia de iniciação, para que o indivíduo se ambiente com os novos modos. O mestre ressalta a importância de participar, e se beneficiar da *baraka* do grupo e todos os princípios que este grupo pratica e desfruta. “(...) ajuda-nos a concentrar-nos, interiorizar-nos, isolar-nos das influências do exterior, é como uma *tekkia*”.⁴²

Ainda sobre o simbolismo do manto, um ponto que ressalta tanto aos olhos como na intenção, é maneira como o derviche é saldado, na cerimônia de iniciação e entrega do manto. Ele recebe o manto das mãos do mestre, após o mestre realizar um rasgo no manto e abençoá-lo. O noviço deve usar o manto rasgado como forma de demonstrar *humildade* e esse rasgo deverá permanecer na vestimenta sempre. “(...) o rasgar o manto e entregá-lo era um sinal de humildade.”⁴³ Eis aqui, uma maneira de lembrar ao sufi que a perfeição pertence a Deus, e que ele é apenas um discípulo. Também é uma forma de colocá-lo em contato com a terra, *húmus* = terra, e estando com a terra o derviche não corre o risco de inflar seu ego, e se perder na relação com o sagrado, com o self. Este é um cuidado a ser tomado, pois, o risco de cometer uma *iblis* (inflação de ego) é grande.

2.2.4 O Tasby

⁴² *Vademecum*, p.27.

⁴³ *Ibid.*

O tasby nada mais é que um tipo de “rosário de contas”⁴⁴ utilizado para as orações. É também reconhecido como um instrumento que posiciona o aspirante ao contato com o Uno. Ele é composto de 99 contas, que significam cada uma, uma das qualidades de Deus, ou então, os 99 nomes de Deus. No grupo, normalmente cada novo indivíduo providencia seu tasby, arcando com a confecção e elementos materiais, ou se preferir, faz uma encomenda a uma pessoa que se responsabiliza pelo novo tasby. Durante o ritual de iniciação, do indivíduo no grupo, ele terá seu tasby “ativado” pelo mestre. O mestre normalmente ativa o tasby fazendo uma benção.

O tasby é utilizado em todas as reuniões onde participam o indivíduo e o grupo, pode ser utilizado em casa, durante as orações, ou em qualquer lugar que queira seu portador carregar. Existe uma versão simplificada, do tasby, composta por 33 contas, que facilita seu transporte, mas a utilização e as invocações são realizadas do mesmo modo, pelo transportador.

Na visão simbólica, este objeto também remete ao círculo sagrado. Espaço mágico e carregado de *baraka*, que tem por finalidade colocar aquele que invoca, em estado de graça, em harmonia com a tarika. Cada conta recitada, é um nome de Deus invocado, e na somatória de todos os nomes tem-se um ritual realizado, dentro de uma cadência de ritmo e respiração, e fonéticas que particularizam o idioma árabe. Ao pronunciar os nomes de Deus, aquele que pronuncia realiza uma transformação alquímica interior. “(...) O poder transformador dos nomes divinos, quando pronunciados de maneira concentrada numa oração, penetra de forma gradual na alma de quem os recita.”⁴⁵

2.3.5. Zhikr

O zhikr significa recordar, e recordar para um sufi é a tarefa a ser constantemente realizada, pois, ele busca estar na presença de Deus. Então recordar, é recordar a Presença.

Antes que se alcance estar na presença de Deus, é necessário esvaziar o interior, o coração. Então, repetir um zhikr é preparar o coração para receber Deus.

Existem zhikr que são repetidos coletivamente, todos do grupo, durante uma reunião, dependendo da intenção para que é aplicado aquele zhikr. Da mesma forma que existe zhikr pessoal, cada elemento do grupo tem o seu zhikr pessoal, e o pronuncia mentalmente, nas

⁴⁴ Rosário, como o artefato católico baseado no terço e que serve para contar a sequência de Pais-Nosso e Ave-Marias.

⁴⁵ Jean CHEVALLIER, *El Sufismo*, p. 117.

ocasiões que considera adequado, ou necessário para obtenção de algo. Normalmente antes do início de cada reunião, cinco minutos antes de começar a reunião, cada integrante do grupo busca um lugar, na halka, onde possa repetir mentalmente seu zhikr, apaziguar sua alma e iniciar uma concentração de atenção para realizar o ritual das orações do sufi. É a preparação do vaso hermético para receber a substância a ser transformada. “(...) O recipiente é um símbolo para a atitude que impede qualquer coisa de escapar para fora; é uma atitude básica de introversão que, em princípio, não deixa escapar nada para o mundo exterior.”⁴⁶

O zhikr pode ser interpretado como símbolo de esvaziamento do ego, e preparação para o encontro do ego-self. “(...) Manterás vazio o coração, mas com a atenção concentrada e orientada a Deus, o Altíssimo”.⁴⁷

2.2.6. Sama

O sama, é a dança giratória consagrada pelos derviches rodopiantes que pertencem à ordem dos mevlevi. Seu criador e inspirador foi um dos maiores mestres sufis ligados à poesia e à música. Ele nasceu em família nobre, onde seu pai já era mestre consagrado e ensinava nas *madrassas*, e quando era menino, teve a oportunidade de ser apresentado para Attar – o perfumista, que o apelidou carinhosamente por *Maulana* (nosso mestre) devido às qualidades de garoto prodígio, que Rumi apresentava. “(...) Os árabes e os muçulmanos indianos e paquistaneses consideram Rumi um mestre místico de primeiro plano.”⁴⁸

Maulana se inspirou no giro dos planetas ao redor do sol, para compor a dança dos sufis, no século XIII.

A dança veio a ser institucionalizada só após a morte de Rumi, através de seu filho Walli, o fundador da linha mevlevi. O próprio Rumi em respeito ao caráter sagrado do sama, temia uma utilização generalizada da dança, que fugisse dos princípios do sagrado.

A princípio o sama só era utilizado pelos seguidores de Rumi, mas depois, algumas outras linhas acabaram utilizando este instrumento de desenvolvimento, como um exercício para os derviches. A tarika Naqshbandi utiliza o sama, em épocas que o mestre considera adequadas, mesmo assim, são exercícios que nem sempre todos noviços conseguem desenvolver com eficácia, pois, ela demanda anos de treino e dedicação.

⁴⁶ Marie-Louise Von FRANZ, *Alquimia*, p.71.

⁴⁷ GAZZALI apud Jean CHEVALLIER, *El Sufismo*, p.118.

⁴⁸ Idries SHAH, *Os Sufis*, p. 142.

Essa dança vem sempre associada a alguma música, e permite que se realize um concerto do homem com o universo, pois aquele que se propõe ao sama, tem que estar esvaziado, e pronto para receber o contato com aquilo que se manifesta diretamente de Deus. “(...) Une o canto, a música e a dança, símbolo da ronda dos astros, que é uma teofania, uma manifestação de Deus com todo seu esplendor.”⁴⁹

O adepto ao praticar o sama se transforma num recipiente capaz captar o que vem do céu, e devolver o comunicado á terra, tanto que antigamente tinha como de costume, que juntamente com os praticantes ficavam alguns outros indivíduos somente acompanhando a dança, e prontos para receber as mensagens, das iluminações, dos giradores. Hoje em dia este costume está descartado, embora se saiba que nada impede que alguém venha atingir algum grau de êxtase.

Os princípios utilizados neste exercício, com sons de tambores, flautas, e a própria dança giratória ritimada, são vias empregadas para a realização de um estase espiritual, ou ao menos uma intensa comunicação com Ele.

No grupo, o sama é praticado uma vez ao mês. E a realização acontece de forma que cada indivíduo estabelece seu ritmo, independente do ritmo da música que está sendo tocada. Para alguém que observe, de fora, não parece nada com os espetáculos realizados por grupos de apresentações, da Turquia, que viajam o mundo todo com o espetáculo. Parece mais um “ensaio de orquestra”, onde cada instrumento está tocando suas notas em dissonância com os outros instrumentos. Talvez nesse momento de “exercício” grupal as pessoas não chegaram a definir e atingir a unidade do grupo, ainda mais se parece a um exercício qualquer, diferente do sama extático. Quando as pessoas atingirem a harmonia do movimento com a música, juntamente com a respiração, e o esvaziamento da alma, assim elas se tornarão o receptáculo daquilo que vem do Uno, do universo. E, certamente alguma transformação em seus interiores será possível de acontecer, pois neste exercício o ego do praticante estabelece uma ligação direta com o self, alinhando seu eixo, sem perder o centro, o ponto central, tanto do espaço físico, como espaço-tempo.

2.2.7 Lataif

O lataif, que significa lugares, é indicado pra ser praticado diariamente pelo adepto da escola Naqshbandi, e também nas reuniões do grupo. Ele tem como finalidade despertar os locais de energia, que poderíamos estabelecer uma correspondência com os chacras

⁴⁹ Jean CHEVALLIER, *El sufismo*, p. 120.

hindianos. Este exercício exige do praticante certas habilidades que vão além da habilidade motora, pois conjuga a visualização e cores com a respiração, atenção, repetição de zihkr e audição de música. A prática do exercício, em grupo se dá com todos os praticantes sentados em círculo, na posição de lótus (com as pernas cruzadas), de olhos fechados, com a luz de uma vela acesa. A duração do exercício corresponde a duração da música, perto de 40 minutos. Antes de começar o exercício, as pessoas devem estar em estado de relaxamento.

Mais uma vez temos outro exercício, que também remete ao simbolismo do círculo.

2.3. As histórias e os contos sufis

É da tradição do mundo árabe a arte de contar histórias, as pessoas se aglomeram numa praça pública, ou em volta de uma fogueira, ou até mesmo em casa de amigos, para se ouvir um contador de histórias. As histórias e os temas podem variar desde os profetas, ou até mesmo narrações de fábulas com heróis e princesas, com seus reis e castelos. Muitas vezes são temas de guerra, e até de histórias encantadas, fatos de ficção ou não, isso não importa, apenas conta o hábito que as pessoas têm de compartilhar uma história por alguns instantes.

A partir dessa tradição de ouvir e contar histórias, muitas das histórias sufis são contadas e compartilhadas no Grupo Tradição como forma de exercício de desenvolvimento de memória, às vezes como exercício espiritual, e ou às vezes, apenas como estudo, e em outras, como divertimento.

As histórias e os contos são considerados como pertencentes ao campo simbólico, pois permitem que se realize a conexão entre aquilo que está consciente com aquilo que não é consciente, pelas pessoas que se utilizam das histórias “(...) quando as pessoas vivem com símbolos, a história de vida pode ser reconstruída por meio deles.”⁵⁰

Um dos instrumentos de exercícios utilizados pelo grupo são as histórias estudadas pelo grupo e a história contada nas noites de quinta-feira, dia especial para o sufi que corresponde ao domingo para o católico.

Segundo o sayed, Idries Shah, os contos e narrativas obedecem às convenções próprias da literatura, enquanto que as narrativas clássicas sufis correspondem a descrições técnicas de estados de desenvolvimento do ser.

Para os sufis, quando se utilizam uma história, a verdadeira intenção com essa história vai além do seu primeiro e imediato significado. A autêntica intenção, a qual a história foi

⁵⁰ Verena KAST, *A dinâmica dos símbolos*, p.21.

criada abarca outros aspectos, por exemplo, no contexto de uma situação de ensinamento, proporcionar uma base para a propagação da atitude sufi perante a vida. "(...) O aprendizado, o conhecimento e a sabedoria são úteis somente se tiver a capacidade correspondente para aplicá-los na qualidade correta e correto contexto de atividade."⁵¹

Nos grupos sufis, de estudo, é costume que os alunos assimilem profundamente as histórias programadas para seus estudos, de tal forma que sua dimensão interior possa ser elucidada pelos mestres na medida em que o discípulo se torne amadurecido e adequado às experiências que as mesmas proporcionam.

Na visão de um outro mestre sufi, que viveu há muitos séculos, ele observa que somente alguns dos contos sufis, podem ser lidos por qualquer pessoa, em um momento qualquer e ainda assim influenciar a percepção e o desenvolvimento de sua consciência profunda, de maneira construtiva. A grande maioria dos contos e histórias, dependem muito de onde, quando, e como são estudados. Dessa forma, muita gente chega até encontrar neles somente o que espera encontrar: diversão e entretenimento.

O Objetivo destas magníficas histórias e contos, que se apresentam ora de forma cativante, e ora de forma divertida, vindas e colhidas da tradição oral, de coletâneas de mestres e também de clássicos persas, sem falar das Mil e Uma Noites, é conduzir o ouvinte a pensar por si só, na medida em que sua consciência possa absorver o ensinamento. "(...) Há um limite além do qual não é salutar para o gênero humano ocultar a verdade afim de não ofender com a mesma aqueles cuja mente está fechada"⁵².

⁵¹ LEFORT, Rafael, *Os mestres de Gurdjieff*, p.30.

⁵² Haidar GULIN, apud Idries SHA, *Histórias dos dervixes* p.162.

CAPITULO 3 - O processo de individuação e o caminho de desenvolvimento interior do sufi.

Antes de adentrarmos ao Processo de Individuação, faz-se necessário definir alguns conceitos utilizados na Psicologia Analítica para que possamos entender e relacionar com o processo de individuação e também durante todo o procedimento de nossa análise, na dissertação.

EGO - O Ego é o que Jung chamou de centro da consciência. É a instância responsável pela mediação entre a realidade interna e realidade externa, de um indivíduo. Tem a tarefa discriminatória, adaptativa e integrativa de conteúdos que o abordam, integrando esses conteúdos à consciência. "(...) Corresponde ao centro da consciência. Sua função é responder e intermediar as solicitações do mundo exterior e do Si-Mesmo, sendo responsável pela adaptação."⁵³

Self - o self diz respeito a psique consciente e a psique inconsciente. Ele também é chamado de Totalidade, Si-mesmo; é comumente representado pelo círculo, pelo quadrado, pela rosa, e também pela mandala. "(...) É o arquétipo central da ordem, da totalidade do homem, representado simbolicamente pelo círculo, pelo quadrado, pelo quaternário, pela criança, pela mandala, etc."⁵⁴

Sombra - O conceito de sombra pode ser entendido como o eu reprimido, aquela parte de nós que geralmente não gostamos, como uma parcela de conteúdo que não pode ser assimilada pelo Ego. Também aceito como personalidade inferior, pois, está identificada ao id freudiano. "(...) o conceito de sombra deriva das descobertas feitas por Sigmund Freud e Carl Jung."⁵⁵

Persona - Pode ser entendida como as máscaras ou personagens que usamos no dia a dia para vivermos em sociedade, e termos uma melhor adaptação social. É o lado externo da personalidade, aquele que expressamos durante a vida. "(...) Pode-se dizer, sem exagero, que a persona é aquilo que não é verdadeiramente, mas o que nós mesmos e os outros pensam que somos."⁵⁶ Jung elaborou este conceito baseado

⁵³ Luiz Paulo Grinberg, *Jung o homem criativo*, p.224.

⁵⁴ Carl Gustavsen Jung, *Memórias sonhos reflexões*, p.358.

⁵⁵ Connie ZWEIG e Jeremiah ABRAMS, *Ao encontro da sombra*, p.27.

⁵⁶ C.G. Jung in *Memórias, sonhos, reflexões*, p.357.

nas máscaras utilizadas no teatro grego, onde os atores, que eram homens compunham seus personagens usando máscaras, para dispor do efeito plástico, como também do efeito acústico que vinha associado. Quando se falavam as frases, elas ressoavam através da máscara, aumentando o som, assim toda a platéia era capaz de ouvir os personagens.

3.1 O processo de individuação

O processo de individuação acontece com o indivíduo em interação com o meio social. Não se pode dizer que um homem evolui, se transforma sozinho, pois ele precisa do outro, da inter-relação que acontece entre os indivíduos numa sociedade. “(...) Como disse Jung, a individuação se faz entre os homens.”⁵⁷ Ele deve levar ao homem a relações coletivas, e não ao isolamento.

Quando se fala em processo, se tem a idéia de algo longo, composto por etapas, ou então, por certos procedimentos. O nosso caminhar pela vida compreende a uma trajetória, na qual podemos perceber nossas experiências, nosso amadurecimento. O caminhar como a finalidade para a qual se está vivo, é o seu processo de individuação. Jung dividiu a trajetória de desenvolvimento da consciência em fases: infância; puberdade; meia-idade; velhice. Pode-se dizer que o processo de individuação acontece na medida da evolução da consciência e o indivíduo que obrigatoriamente percorre este processo, sofre mudanças na sua consciência e na sua personalidade.

Não é possível que alguém escolha não viver o seu processo de individuação, pois, ele acontece, independente da escolha egóica, e sua meta final é a assimilação do ego com o self promovendo um encontro com a totalidade. “(...) Tudo acontece como se o ego não tivesse sido produzido pela natureza para seguir ilimitadamente os seus próprios impulsos arbitrários, e sim para ajudara a realizar, verdadeiramente, a totalidade da psique.”⁵⁸ O ego se integra ao self de uma forma diferenciada àquela, a qual ele iniciou a jornada.

Cada indivíduo percorre seu caminho, que é singular, portanto, o que torna a jornada algo muito particular, onde esse indivíduo desenvolve seu estilo e não é possível determinar ou prever acontecimentos. Por isso se torna um procedimento

⁵⁷ Luiz Paulo GRINBERG, *Jung o homem criativo*, p.176.

⁵⁸ Marie Louise Von FRANZ apud, C.G. JUNG, *O homem e seus símbolos*, p. 162.

único e rico ao final do percurso, mas necessário que o autor do processo esteja consciente para poder participar, e se modificar. “(...) No entanto, em seu sentido estrito o processo de individuação só é real se o indivíduo estiver consciente dele e, conseqüentemente, com ele mantendo viva ligação.”⁵⁹

3.2 O processo de individuação e a Alquimia

A alquimia é a nossa química primitiva, e por ser uma matriz científica, seus praticantes (pré-cientistas) buscavam através das suas descobertas, decifrar o segredo da obtenção do ouro (transformação dos metais) e também o sentido da vida, o conhecimento de Deus. Em nenhum texto alquímico, o autor deixa claro exatamente o que procurava. Os textos se utilizavam de expressão em linguagem sutil, hermética e também sabemos que, por exercerem uma prática de lidar com o desconhecido, sempre com novas experiências, algumas até explosivas, os alquimistas não eram vistos com bons olhos pela população. “(...) a Alquimia descreve um processo de transformação química e dá inúmeras instruções para sua realização.”⁶⁰ Isso acontecia em tempos remotos, cenário que deixava o homem em contato mais direto com a natureza e seus fenômenos, ainda desconhecidos. Podemos dizer que o alquimista estava mais próximo do contato com o inconsciente, que em nossa época atual.

“Alquimia - Química arcaica que precedeu a química experimental e onde se mesclavam especulações gerais, figuradas e intuitivas, parcialmente religiosas, a respeito da natureza e do homem. Na matéria desconhecida eram projetados numerosos símbolos que hoje reconhecemos como conteúdos do inconsciente. O alquimista procurava “o segredo de Deus” na matéria desconhecida e se empenhava em preocupações e caminhos semelhantes aos da psicologia moderna do inconsciente. Esta última achasse também confrontada com um fenômeno objetivo desconhecido: o inconsciente.”⁶¹

A alquimia teve seu apogeu na idade média, quando veio na bagagem dos árabes quando estes invadiram a península Ibérica, e os sufis que realizavam sua peregrinação habitual, também dispunham deste conhecimento.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ Alberto MAGNO, *Iniciação à alquimia*, p.12.

⁶¹ C.G.JUNG, *Memória, sonhos, reflexões*, p.350.

Não é difícil lembrar que Attar, conhecido mestre sufi, também era conhecido, por Attar o perfumista, ou também, segundo alguns autores, o alquimista. Assim como ele, outros sufistas desenvolveram essa arte, então aqui nossas histórias começam a se entrelaçar.

Poderiam os sufis terem utilizado a Alquimia, juntamente com seus métodos sufistas pertinentes, e alcançado o processo de individuação, criado por Jung?

Se a individuação é o processo de desenvolvimento, pelo qual passa o homem durante toda sua trajetória de vida, e se o objetivo do processo de individuação é a amplificação da consciência, preparando-a para o encontro com o self. Estabelecer uma correlação entre aquele que busca desenvolvimento interior do ser, a qual o derviche está imbuído, a teoria de desenvolvimento da consciência de Jung, e a Alquimia, se torna algo muito claro e cristalino. Podemos tecer relações, e aproximações, das quatro etapas de trajetória da consciência e as fases de desenvolvimento da alquimia, bem como as quatro fases de desenvolvimento do sufi.

3.3 O caminho de desenvolvimento enquanto “trabalho” na tarika sufi.

O trabalho que vem sendo realizado através dos séculos, pela linha Naqshbqandi, esteve por muito tempo concentrado no oriente, onde as pessoas, por motivos culturais têm mais facilidade de aderir ao ensinamento. Mas como o trabalho é uma atividade que sempre está em movimento, “o conhecimento chega onde a necessidade chama” (dito sufista), alcançou o Ocidente, onde as pessoas carecem de certa dose de valores culturais do oriente, pois, foram educadas e condicionadas a buscar apenas o que lhes dê resultado material e econômico. (...) Esses elementos perdem valor no ocidente por causa do impetuoso avanço em direção ao “progresso a qualquer preço, pois, não têm nenhum valor monetário.”⁶²

Como todo sistema de desenvolvimento espiritual ou desenvolvimento místico, o sufismo naqshbandi coloca alguns pressupostos para que o candidato a adepto ao grupo, possa avaliar e seguir. Essa é a maneira que tanto o mestre quanto o grupo estabelecem como ordem de existência e manutenção do próprio grupo.

Durante as muitas conferências realizadas pelo mestre, e também em muitos livros escritos por ele, e outros autores, utilizados como material de estudo do grupo, é possível perceber a importância do método sufi e a seriedade com que o mestre, e

⁶² *Textis Sufis*, p.15.

os outros participantes do grupo realizam o ensinamento e o trabalho de desenvolvimento.

Segundo Omar Ali Shah, algumas exigências são feitas para aquele que busca um aperfeiçoamento, uma maneira de se conhecer e se auto-desenvolver em sua trajetória de existência. São enumeradas três condições básicas: a primeira consiste na existência de um Mestre, real, isto é, um mestre vivo, que tenha experienciado essa condição inicial de busca, e esteja disposto a ensinar. A segunda, pressupõe que exista o *indivíduo*, que é aquele que se propõe a entrar na busca, e cuja consciência esteja disposta a se orientar de modo “correto”, e que possa utilizar o material que lhe é dado. A terceira condição corresponde a existência de um *grupo de pessoas* com os mesmos objetivos comuns, em busca de ensinamento.

O trabalho é visto pelos participantes do grupo tradição como uma ação necessária, tanto para a manutenção do próprio grupo, como uma atividade com sentido preciso ao indivíduo que consagra este caminho. Sabem que sem “trabalho” não há caminho, e que este se perpetua através da vida cotidiana e as melhorias podem ser sentidas com o desenvolvimento das capacidades do indivíduo, assim como o aumento da sua percepção da realidade.

É exigido que seja feito o reconhecimento dos sistemas de condicionamentos, que o homem atual vive e neles se amarra. Portanto, libertar-se das amarras do automatismo, “acordar do sono”, e “trabalhar” para a sua libertação e realização. “(...) O estado de sono, embora traga o benefício do repouso e do relaxamento, é improdutivo, pois, realmente não está produzindo nada.”⁶³

Podemos dizer que o indivíduo que se põe na busca de conhecimento interior, nessa escola de ensinamento, se olhado pelo prisma da psicologia analítica, estamos falando do indivíduo que deu início a seu despertar interior, portanto, aquele que põe para funcionar o processo de individuação. “(...)Poder-se-ia, pois, traduzir a palavra individuação por ‘realização de si-mesmo’, realização do si mesmo”⁶⁴.

Ao considerarmos os quatro estágios atuais de desenvolvimento, da taika sufi (NASUT; TARIQAH; ARAFF; HAQIQAH), é possível estabelecer uma ponte de compreensão tanto para com a psicologia de Jung e seu processo de individuação, assim como as fases que envolvem a Alquimia. Só nos é possível de dizer no plano

⁶³ Omar ALI-SHA, *As regras ou segredos da ordem naqsbandi*, p.247.

⁶⁴ C.G.Jung, *Memórias sonhos e reflexões*, p. 355.

teórico, pois, para que fosse possível averiguar na prática, seria preciso: a situação, os sujeitos, e o Tempo, pois sabemos que o processo de individuação dura o quanto durar uma vida. E até hoje não se tem notícia de alguém que esteja vivo e tenha se tornado um indivíduo totalmente individuado.

O primeiro estágio de desenvolvimento sufi é NASUT, que significa HUMANIDADE. É aquele que corresponde ao estado do homem, que tem pouca consciência de si, mas já demonstra alguma evolução, pois, está acordando para uma busca interior, está buscando a linha de desenvolvimento sufi, e se coloca como aquele que segue as leis e disciplinas necessárias. Segue a metodologia dos exercícios individuais e grupais e se aprimora enquanto um ser que quer uma evolução espiritual. Pensando nos estados da alquimia estaria correspondendo ao estado da Nigredo, seguindo para a próxima fase Citrinita. Na nigredo o indivíduo se encontra no estágio inicial, dentro do próprio caos, estágio das trevas. Poderíamos pensar numa visão analítica, no momento que o indivíduo se encontra sem referências, buscando algo que lhe de algum significado de vida. Não é possível estabelecer uma analogia com uma das quatro fases de trajetória da consciência, segundo Jung, (Infância-adolescência-meia-idade e velhice), pois essas mudanças interiores, de busca de significado, geralmente acontecem na, e depois da puberdade, e com mais frequência quando o homem atinge certa maturidade, ou a metanóia (estágio de questionamentos e crises existenciais que acompanham a entrada na segunda metade da vida).

E considerando esta linha de evolução de desenvolvimento, temos o segundo estágio sufi que é o Tariqah, ou aquele estágio onde o discípulo tem desenvolvidas suas Potencialidade e Capacidades. Ele se apresenta, em estado de auto-controle das suas potencialidades, assim como de suas emoções e sentimentos. Neste estágio, o indivíduo tornou-se um buscador do Caminho. Paralelamente á alquimia poderíamos dizer que o sujeito transmutou sua Obra, e se encontra no estado de Citrinita, que está a caminho da busca pelo vermelho (rubedo).

No terceiro estágio sufi, o indivíduo já está numa condição na qual seus olhos estão abertos, já detém conhecimento interior e também do sobrenatural. “(...) Os olhos foram abertos; ele está de posse do conhecimento sobrenatural e interiore equipara-se assim aos anjos.”⁶⁵ Dessa forma o sujeito estaria vivenciando plenamente a mensagem sufi, que prega o AMOR. Talvez tenha sido possível de atingir esse

⁶⁵ Sirdar Ikbal Ali SHA, *Princípios gerais do sufismo*, p.20.

estado, o nosso mestre Rumi, se olharmos a qualidade da sua obra, e quantidade de vezes que ele fala sobre o amor, na música e poesia, e também no exercício do Sama.

O paralelo na psicologia do inconsciente seria o exagero, de afirmar que Jung atingiu este estágio, como querem alguns de seus seguidores, baseados nas palavras que abrem seu último livro *Memória sonhos reflexões*, "(...) Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou."⁶⁶ Corresponderia a um homem que atingiu a individuação, tornou-se ele e o Self, a mesma coisa. Esta é uma das interpretações possíveis, não é a única.

Fechando o quarto estado de desenvolvimento sufi, encontramos o estágio da *verdade*. Aquele que o indivíduo que atinge após muito tempo de prece e meditação. Aqui temos o correspondente na psicologia analítica com aquele que se torna o self, em outras palavras, é o indivíduo que se torna Deus. Na alquimia, o estágio correspondente seria Albedo, aquele que consegue transformar a própria Obra em ouro. Dentro do sufismo, temos o exemplo do mátir sufi, que levantou muita controvérsia na sua afirmação "eu sou a Verdade", e pela mesma afirmação foi executado em 922, Bagdá, pelas autoridades locais, sob a afirmação de blasfêmia. Muito difícil poder dizer algo, de um estado de iluminação e transcendência tão difícil de alcançar, pois, é completamente utópico imaginar um indivíduo chegando ao estado de Deus. Mesmo assim, consideramos ser perfeitamente aceitável que em uma doutrina estabeleça esta meta de desenvolvimento.

⁶⁶ C.G. Jung, *Memória, sonhos, reflexões*, p.19.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, cumpre lançar um olhar introspectivo sobre o caminho percorrido contando as conquistas e as limitações, abrindo perspectiva para novas pesquisas.

Durante a exposição do capítulo *O sufismo e a tradição sufi no Brasil*, pudemos ter uma visão da grande abrangência quanto à origem e atuação da corrente Naqshibandi no Brasil. Foi possível responder às várias questões levantadas e entender o modo de atuação dos sufis da escola Naqshibandi do Brasil.

A partir do capítulo *Os símbolos*, tivemos a oportunidade de estudar os principais símbolos utilizados pelo grupo sufi no Brasil, quais os seus principais rituais.

Nossas hipóteses de pesquisa, relacionadas aos símbolos como instrumentos de trabalho da ordem naqhibandi foram respondidas satisfatoriamente com a exposição do capítulo *Processo de individuação e o caminho de desenvolvimento anterior do sufi*, assim como as contribuições para uma mudança de consciência, e como atuação alquímica.

Acreditamos que durante o desenrolar do terceiro capítulo, conseguimos alcançar a ponte de interpretação sob a luz dos conceitos Jungianos.

Todavia, temos ciência da limitação deste trabalho em função das adversidades atravessadas durante todo o tempo de trabalho. Alguns símbolos (histórias) poderiam ter sido trabalhadas e interpretadas pela teoria Jungiana.

Sabemos que algumas portas foram abertas para próximas pesquisas e futuras contribuições ao universo do saber. Durante a execução deste trabalho, tínhamos a certeza de estar realizando nossa missão de pesquisadores.

10 – BIBLIOGRAFIA

- ARABI, Ibn. *Los Sufies de Andalucia*. Málaga: Editorial Sirio, 2007.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- AZEVEDO, Mateus Soares. *Mística Islâmica*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AZEVEDO, Mateus Soares. *Iniciação ao Islã e Sufismo*. Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.
- CHEVALIER, Jean. *El Sufismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- CORTELLA, Mario Sergio. *Qual é a tua obra?* Petrópolis: Vozes, 2007.
- FADMAN, James; FRAGER Robert. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra, 1976.
- FRANZ, Marie-Louise Von. *Alquimia; Introdução ao simbolismo e à Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- FRANZ, Marie-Louise Von. *A Alquimia e a Imaginação Ativa*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GRANADA, Grupo de Contadores de Histórias. *Histórias da Tradição Sufi*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1993.
- GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung o homem criativo*. São Paulo: FTD, 2003.
- GURDJIEFF, G. I. *Gurdjieff fala a seus alunos*. São Paulo: Pensamento, 1973.
- HOURANI Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1994.
- HUSAIN, Shahrukh. *O que sabemos sobre o Islamismo?* São Paulo: CALLIS, 1999.
- JUNG, C.G. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- JUNG, C.G. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1990.
- JUNG, C.G. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KAST, Verena. *A dinâmica dos símbolos*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- LEFORT, Rafael. *Os mestres de Gurdjieff*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1987.

LUCCHESI, Marco. *A sombra do amado: Poemas de Rumi*. Rio de Janeiro: Fisus, 2000.

OLIVEIRA, Vitória Peres de. *O caminho do Silêncio*; Um estudo de Grupo Sufi.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. *Um Estudo sobre o Método de Investigação da Pesquisa na Obra de C.G. JUNG*. PUC-Sp-2003.

RANDOM, Michel. *Rumi El conocimiento y El secreto*. México: Fondo De Cultura Economica, 2005.

RUMI, Jalaluddin. *Masnavi*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1993.

RUMI, Jalaluddin. *Fihi-Ma-Fihi, o livro do Interior*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1993.

SANAI, Hakim. *O jardim Amuralhado da Verdade*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1985.

SHAH-Idries. *Histórias dos Dervishes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

SHAH-Idries. *Os sufis*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SHAH-Ali, Omar. *Pensamientos y Conversaciones*. Buenos Aires: Dervish International.

SHAH-Ali, Omar. *O Sufismo no Ocidente*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1988.

SHAH-Ali, Omar. *Sufismo como Terapia*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1996.

SHAH-Ali, Omar. *Fragmentos de Enseñanza Sufi*. Buenos Aires, Colección textos sufis.

SHAH-Ali, Omar. *As Regras ou Segredos da Ordem Naqshbandi*. São Pedro da Serra: Dervish, 2002.

SHAH-Ali, Omar. *Histórias de Nasrudin*. São Paulo, Edições Dervish, 1994.

SHAH-Ali, Omar. *Textos Sufis*. Rio de Janeiro: Edições Dervish, 1985.

SHAH-Ali, Sirdar Ikbal. *Princípios Gerais do Sufismo e outros textos*. São Paulo: Attar Editorial, 1999.

USARSKI, Frank. *O Budismo e as Outras*. Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

VADEMECUM - Manual das Regas da Ordem Naqshbandi.

Acessível em: [HTTP://www.tendarabe.hpg.org.com.br](http://www.tendarabe.hpg.org.com.br) consulta realizada em: 6/3/2010, às 19h18.